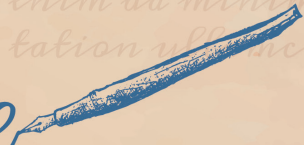




XXXI Jogos Florais
Monforte



TRABALHOS PREMIADOS



monforte
município



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

XXXI Jogos Florais do Concelho de Monforte
Trabalhos Premiados / 2025

EDIÇÃO

Município de Monforte

AUTOR(ES)

Vários

CAPA, PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Município de Monforte

TIRAGEM

150 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

564774/26

ISBN

978-989-8177-42-1

Poema Lírico

1º Prémio

Maria de Lurdes Pinto de Oliveira – “Dualismo” – O Valor da Amizade

2º Prémio

Sílvia Maria Reis Silva – “Sonho meu” – Tenho vontade de...

3º Prémio

Marta Hermínia Viana Guerra Anjos O. Santos – “Violeta” - Elegia

Menções Honrosas

José Afonso de Castro Bastos – “Para sempre” – Ainda Abril

Maria Ruth Brito Neto – “Mulher” – Mulher é vida

Fernando Máximo – “Nos campos do Alentejo” – Nos campos do Alentejo

Manuel Jorge Correia da Silva – “El-Rei” – Reinado em quatro estações

Aníbal António de Lima Nobre – “Alvorada” – Cor de um beijo – A cor suprema

1º Prémio

O Valor da Amizade

A amizade não tem
Os arroubos do Amor,
Nem delírios da Paixão.
Vem mansinho e quando vem
O frio ganha calor
E aniquila a solidão.
Depressa cria raízes
Que o tempo não vergará
Seja qual for a idade.
E quer nos tempos felizes
Ou na hora triste e má
Vive-se em cumplicidade.

Amizade é um abrigo
É firme aperto de mão,
É um amparo dos passos.
Certeza dum ombro amigo,
Presença que não diz – Não.
É o mais terno dos laços!

Maria de Lurdes Pinto de Oliveira – Óbidos

2º Prémio

TENHO VONTADE DE...

Tenho vontade de voar
Pousar num jardim formoso
E respirar o odor das flores...

Tenho vontade de,
Abraçar o vento
Num abraço de esperança,

Voar sem medo
Sobre as águas do mar,
Sob o azul do céu

Nas planícies douradas
Do meu Alentejo...

Tenho vontade de,
Ser pássaro pousado
No galho de uma árvore qualquer ...

Tenho vontade de,
Voar para lá do horizonte
Ao encontro de um mundo de
Paz, amor e fraternidade...

Tenho vontade de,
Ser noite, ser madrugada,
Ser a neblina da manhã,
Ser o grito da gaivota...

Tenho vontade de,
De ser...
Simplesmente poeta.

Sílvia Maria Reis Silva – Alcácer do Sal

3º Prémio

ELEGIA

Regressaste da morte?
Abandonaste aquela tua estrela?
Vejo-te sentada no jardim,
sentada à sombra das glicínias
segurando um ramo de violetas
em tuas mãos enrugadas
que o avô, teu grande amor, te ofereceu.
Olhas essas flores singelas com ternura
e atenta ao chilreio das avezinhas
nem me vês.

Queria falar-te, pousar a cabeça
no teu regaço e sentir os teus dedos
desenovelando preocupações, pesadelos
mas receio despertar-te
dos teus pensamentos.

Tenho medo das minhas palavras
tenho medo dos meus beijos
tenho medo que as minhas lágrimas
te despertem e te magoem.

Não aguento perder-te de novo.
É demasiado o sofrimento!
Vou deixar-te sentada nesse banco,
à sombra das glicínias
olhando as tuas violetas
e virei ver-te aqui,
ao jardim todos os dias,
minha querida Avó.

Marta Hermínia Viana Guerra A. O. Santos – Porto

Menções Honrosas

AINDA ABRIL

O teu olhar fundido de horas mortas
Criança, fez-se sol naquele dia
E sorriste para os cravos que depunhas
Nas baionetas brinquedo dos teus sonhos

Descalço eras a rua que cantava
Abaixo a guerra que me viu nascer
E a fome de carinho que não tinhas

E no delírio ingénuo dos teus lábios
Havia gestos de fascínio virgem
Numa interrogação àquilo tudo
Como se fosse o mar que nunca viste
Galgando os promontórios da loucura

Não apagues mais do teu sorriso
O caudal da esp'rança em que tu ias
Que o teu olhar, criança, não morreu!

José Afonso de Castro Bastos

Vila das Aves

Mulher é vida

Berço da vida, voz de intenso amor,
Em vendavais, à luz deu gerações.
Viu-as singrar, ganhar vulto e valor,
Firme e heroica, calando emoções.

Era assim a mulher dum longo antanho
Que pouco a pouco foi ganhando chão,
Heras e heras deram-lhe tamanho
No social, na Casa e na Nação.

Com o homem ombreia lado a lado,
Partilhando com ele o mesmo fado.
Sem descurar a sua natureza.

A sua missão de ser mãe do mundo,
Vive com ela, segundo após segundo,
Sendo do mundo mais que uma riqueza!

Maria Ruth Brito Neto

Caldas da Rainha

Nos Campos do Alentejo

Nos campos do Alentejo
Cheira a urze e a poejo,
Cheira a esteva e alecrim;
Cheira aos campos lavrados
Cheira a flores pelos montados
E cheira a Paz sem ter fim

Nos campos do Alentejo
Tem a gente o raro ensejo
De viver em liberdade;
Dar largas ao pensamento
E viver cada momento
Num tempo sem ter idade

Nos campos do Alentejo
Tem mais valor cada beijo,
Cada abraço que nos dão;
Juras são p'rá vida inteira
Debaixo duma azinheira
Bate forte o coração...

Nos campos do Alentejo
Quantas vezes por lá vejo
Do poente a nostalgia;
E a certeza assegurada
Duma bela madrugada
No nascer dum novo dia

Nos campos do Alentejo
É por ali que eu almejo
Em laivos de terapia,
A ausência da maldade
O melhor da f'licidade
Coisa que desconhecia...

Nos campos do Alentejo
É aí que eu me revejo
Sempre que a saudade aperta;
Matando a dor que senti
Corro lesto para ti
Pois tens sempre a porta aberta

Fernando Máximo

Avis

REINADO EM QUATRO ESTAÇÕES

jovem que não sou e já fui.
ontem mesmo mais novo era!
rugas desenham meu rosto,
marcando os traços que a vida dilacera;
histórias de mais um “príncipe” deposto.

fui eu e não outro, o regente!
incapaz de reter a primavera,
levitei pelo verão fugazmente.
caminho agora, lentamente,
no meio do outono resplandecente...
além... já o inverno sombrio me espera!

Manuel Jorge Correia da Silva

Almada

COR DE UM BEIJO – A COR SUPREMA

Quis ser, da “COR DE UM BEIJO” o inventor,
Usando apenas tintas de poeta...
Porém, se longe estava a minha meta,
Mais longe era o talento de Pintor!
A tudo - ou quase tudo -, quis dar Cor,
Misturando mil tintas na paleta...
E descobri, até, a cor correta
Para pintar fracasso, mágoa e Dor!...

Pintei de Verde a Esp’rança e a Saudade;
De Vermelho a Alegria e a Vaidade;
De Branco a Paz e a Fé; de Azul os Céus;
Cor-de-Rosa o Amor; Cinzento a Sorte;
E se pintei de Negro a negra Morte,
Da Cor do Arco-Íris pintei Deus!

Também dei Cor ao Sonho, ao Mar, à Vida;
Ao Sol, à Luz, às nuvens, ao Luar;
À Saudade, à Ventura, ao gargalhar...
E até dei Cor à Dor da Despedida.
Inventei uma Vida colorida
Mas fiz da Solidão eterno Altar...
E abrindo o coração de par em par
Lá procurei a Cor apetecida!

Pintei da Cor da Prata a Caridade,
E quis a letras de Ouro a Amizade,
Tal como o Amor de Mãe - o Amor profundo.
Mas eis qual o dilema em que me vejo:
- Não consigo inventar a “COR DE UM BEIJO”
P’ra que seja a mais bela Cor do Mundo?!...

Aníbal António de Lima Nobre

Juncal

Soneto

1º Prémio

Fernando Máximo – “Mãos” – Minhas mãos

2º Prémio

Joaquim Pereira Marques – “João Natalício” - Setembro

.

3º Prémio

Leolinda Ana Santos Trindade – “Sibila” - Incerteza

Menções Honrosas

João Alberto Bragança Esteves dos Santos – “Bráulio Barbosa” – Bailado

Maria Isabel Fernandes Queirós – “Amoroso” – Ode à esperança

Fernando Máximo – “Meu Alentejo” – Cheira-me a Alentejo

1º Prémio

Título: MINHAS MÃOS

Minhas mãos desfiguradas, retorcidas,
Que já foram tão suaves, tão bonitas,
Estão agora disformes, esquisitas,
Pelo passar dos anos, envelhecidas...

Que é feito da suavidade de outrora
Com que acariciava teu lindo rosto?
Como sofro neste meu grande desgosto
Por tanto tremerem, flácidas, agora...

Foram-se passando os anos e a velhice
Roubou-lhe vigor, o elixir da meiguice...
Juro: por maior que seja a minha dor

Até que a morte me venha recolher,
Se estas velhas mãos, mais não possam fazer
Irão sempre auxiliar-te, meu amor...

Fernando Máximo

Avis

2º Prémio

Setembro

Setembro chegou em pezinhos de lãs
Lambendo os prazeres que agosto deixou
Nas margens do tempo que a marca riscou
No cheiro das uvas, amoras, maçãs

Renasce das cinzas, coaxam as rãs
Refrescam os dias que estio abrasou
Ficando pequenos, retê-los não vou
Mas vou abraçá-los na flor das manhãs

Setembro me invade do mau e do bom
Dos dias saudosos tocados no tom
Duma letargia de cor escarlate

O ameno setembro carrega as histórias
Barradas de mosto e de frágeis memórias
Que agitam as folhas com toque a rebate

Joaquim Pereira Marques

Odivelas

3º Prémio

Incerteza

Ninguém controla a morte, nem a vida
Só Deus tem o poder de dominar
E até uma fortuna mal gerida
O tempo vem mais tarde a destroçar.

Quantas vezes, andamos a chorar
Em silêncio com mágoa reprimida
Em busca da razão para guiar
E a luz da esperança já perdida.

Nunca sabemos bem, aonde vamos
Neste pequeno espaço que ocupamos
Somos um ponto vão, no infinito

Na dimensão imensa sem fronteira
Guardamos ilusões a vida inteira
Numa existência breve, como um grito!

Leolinda Ana Santos Trindade

Vila Viçosa

Menções Honrosas

Bailado

Eu creio ouvir no marulhar da fonte
A musical canção duma sonata,
Interlúdio vibrátil e insonte,
Lembrança a perluzir uma cantata.

Na alba se espera que o sol desponte,
Seus raios rangem uma serenata,
O arrebol é fogo no horizonte,
Dança frenética numa cascata.

A tua fronte de suor perlada
É partitura a rutilar alada
Pelo uso vivido das colcheias;

No mar eu vejo voltar as águas,
Na canção insonte afogar as mágoas
No bailado lúdico das sereias.

João Alberto Bragança Esteves dos Santos

Baguim do Monte

Ode à esperança

Há-de chegar o dia em que a tristeza
Não mais ensombrará teu lindo rosto,
Nem mais te toldará pelo desgosto
De ver os pobres sem ter pão na mesa!

Como a quentura duma chama acesa
Há-de chegar o tempo de ter gosto,
Ardente e puro como o sol de Agosto
Escrínio de alegria e de pureza!

Eu sei que a injustiça te dá voltas
Mas não mudes o mundo com revoltas,
Seca esses olhos que a sorrir te peço...

Por isso dá-te ao sonho, alegre a imagem,
Que a vida é uma efémera passagem
De cuja ida não se tem regresso!...

Maria Isabel Fernandes Queirós

Vila das Aves

CHEIRA-ME A ALENTEJO!

Cheira-me a terra queimada, ressequida,
Implorando uma gota de água bem-vinda...
...Cheira-me a corpos vazios, já sem vida,
Que apesar de cansados lutam ainda.

Cheira-me a rostos banhados de suor
Pelos dias de trabalho sem ter fim...
Cheira-me à vastidão desta terra-dor
Mas que todos nós amamos mesmo assim....

Cheira-me ao gado acolhido no acarro,
Cheira-me à fome lá no fundo do tarro
Onde há muito não há nada de sobejo...

Cheira-me a muita vontade de vencer,
A um povo que se nega a morrer...
Cheira-me somente a ti, meu ALENTEJO!

Fernando Máximo

Avis

Poesia Obrigada a Mote

1º Prémio

Fernando Máximo – “Ouve bem o que eu te digo” - -----

2º Prémio

Augusto Manuel Molarinho de Andrade – “O lince” – A arte de maldizer

.

3º Prémio

Maria Isabel Fernandes Queirós – “O farsante” – A má-língua!

Menções Honrosas

Fernando Máximo – “Pai e Filho” - ----

Fernando Máximo – “Diferenças” - ----

1º Prémio

Mote:

**Não digas mal de ninguém
Que é de ti que dizes mal,
Quando dizes mal de alguém
Tudo no mundo é igual**
(Fernando Pessoa)

Ouve bem o que eu te digo:
Se falares sem pensar
Por certo vais arranjar
Quem fique de mal contigo;
Por isso, meu qu'rido amigo
Para teu e nosso bem
Se não queres o meu desdém
Eu vou-te dar um recado:
Não podendo estar calado
Não digas mal de ninguém

Age de outra maneira.
Tem lá santa paciência,
Ouve a tua consciência
Que é boa conselheira;
E ao veres que é asneira
Entenderás, afinal,
Que é assim tal e qual:
Um dia entenderás,
(Por fim compreenderás)
Que é de ti que dizes mal,

Para ti, tudo é imundo,
Nada p'ra ti é perfeito
Encontras sempre defeito
Em qualquer parte do mundo;
Afinal, lá bem no fundo,
Toma atenção que porém,
Já que tu te incluis também
Na linguagem que utilizas
E te ridicularizas

Quando dizes mal de alguém

A maldade que trespassa
Tua língua venenosa,
Torna-se mais perigosa
A cada dia que passa;
A tua mente devassa
Só voltará ao normal
Se caíres na real
Se olhares com atenção
Chegando à conclusão:
Tudo no mundo é igual

Fernando Máximo – Avis

2º Prémio

Talvez seja uma utopia
Nestes dias conturbados
Viver sem ser confrontados
Com mentira e cobardia
E mesmo em democracia
Somos vítimas também
De quem entende por bem
Que é solução difamar
É um erro assim pensar
Não digas mal de ninguém.

Se ages por crueldade
És um ser sem consciência
Por isso toma tenência
Não desprezes a verdade
Respeita a sociedade
Tenta ser consensual
E, assim, dás um sinal
A quem o dedo te aponta
Não insistas nessa afronta
Que é de ti que dizes mal.

Se teimas nessa maldade
Por má-fé e aversão
Vais ferir o coração
De gente com dignidade
Pondo em risco a probidade
E o bom nome que ela tem
Que ao mesmo tempo, também
Se vão sentir humilhadas
Por mentiras inventadas
Quando dizes mal de alguém.

Seja aqui, ou noutros lados
Há quem use tais conceitos
Esquecendo que os direitos
De há muito conquistados
Têm de ser respeitados
Duma forma natural
Porque é hoje habitual
Malgrado tantas diferenças
Para lá das desavenças
Tudo no mundo é igual.

Augusto Manuel Molarinho de Andrade

Lisboa

3º Prémio

A má-língua

Há quem julgue que a má-língua

Não fere, não causa dano

É pior, é desumano

Mortifica, não dá trégua

É razão de dor e mágoa

De quem dela está refém

Sofre a família também

Vendo a honra maculada

Por isso, boca calada

Não digas mal de ninguém

Se usas tal solução

Por ódio ou por despeito

Esquece e toma jeito

Pois vais perder a razão

E teus amigos, então

Jamais te darão aval

Se persistires afinal

Nesse acto vil, insano

Não insistas nesse plano

Que é de ti que dizes mal

Quando a inveja aparece
Torna a vida num inferno
Não é como o sol de inverno
Que, depois, logo esmorece
O bom-senso desvanece
Dando lugar ao desdém
Ferindo quem te quer bem
Com essa insensata acção
Por isso ouve o coração

Quando dizes mal de alguém

Seja aqui, ou noutro lado
A intriga é censurável
É delito condenável
Que deve ser castigado
Quando um ser é difamado
Sem motivos para tal
Por um acto irracional
Que magoa e faz sofrer
Apesar de não parecer
Tudo no mundo é igual

Maria Isabel Fernandes Queirós

Vila das Aves

Menções Honrosas

- Anda cá meu rico filho,
Senta-te no meu joelho
E ouve-me este conselho
P'ra teres vida de brilho;
Não te metas num sarilho
Se queres ir mais além
Toma atenção, ouve bem:
Para singrares na vida
Duma forma comedida,
Não digas mal de ninguém

Pensa antes de falar
Nunca o faças à toa
Pois que uma qualquer pessoa
Te poderá escutar;
Sendo falso o teu contar
Repara bem que ao final
P'lo teu erro capital
Ainda alguém vai sofrer
E irás compreender
Que é de ti que dizes mal

Relembrando esta história,
Recordo-te, Santo pai,
...Ao tempo que já lá vai
E não me sai da memória;
Foram momentos de glória
E de muito amor também
Que minha mente retém
- Vê a vida que constróis,
Pois tu próprio te destróis

Quando dizes mal de alguém

- Os anos foram passando
E sabes o que é que fiz?
Pai, vivi sempre feliz
Teus conselhos respeitando;
Aos outros os fui passando
Como sendo um manual
E de forma natural
Pelo que tenho vivido,
Tinhas razão, pai querido:
Tudo no mundo é igual!

Fernando Máximo

Avis

Se tu “Homem” queres ser
Terás muito que aprender
Pela tua vida além...

Respeita sempre a verdade
Vivendo com dignidade
Não digas mal de ninguém!
Toma pois muita atenção
Ouve a voz do coração
Escuta qualquer sinal:
Se isso não acontecer
Não te podes esquecer

Que é de ti que dizes mal

Mesmo que seja em segredo
Isso de apontar o dedo
Jamais te ficará bem...
Pois que por questões mesquinhas
Tu próprio te amesquinhas
Quando dizes mal de alguém
Mete na tua cabeça:
Por estranho que pareça
Ao fim e ao cabo, afinal,
Bem vistas as pareenças
São bem poucas as dif'renças:
Tudo no mundo é igual!

Fernando Máximo

Avis

Quadra Popular

1º Prémio

Sílvia Maria Reis Silva – “Terna Lembrança” - ----

2º Prémio

Fernando Máximo – “O meu bem” - ----

Fernando Máximo – “Embargo” - ----

3º Prémio

Aníbal António de Lima Nobre – “Filósofo” - ----

Menções Honrosas

João Francisco da Silva – “Brinde” – Apelo à paz

Fernando Máximo – “Acróstico-NADA” - ----

Maria Isabel Fernandes Queirós – “Apoteose” - ----

Vítor Manuel Alves Fernandes – “António Trabuço” - ----

Maria Júlia Pires Camacho Vieira Fonseca – “Lira” - ----

Augusto Manuel Molarinho de Andrade – “O Sobreiro” – O vício da Poesia!

Maria Ruth Brito Neto – “Gente” - ----

Maria da Conceição Pereira – “Amor Perfeito” - ----

1º Prémio

Desato o nó da esperança
E um facho de luz sem fim,
Me traz de novo a criança
Que existe dentro de mim.

Sílvia Maria Reis Silva - Alcácer do Sal

2º Prémio – ex aequo

O meu bem, bem me dizia,
(E dizia muito bem),
Que todo o bem que eu fazia
Era bem p'ra mim também...

Fernando Máximo - Avis

O silêncio mais atroz
Que nos deixa quedo e mudo,
Vem do embargo da voz
Que não deixa dizer tudo!

Fernando Máximo - Avis

3º Prémio

Sou velho! Já fui criança!
E ao chegar a esta idade,
Se ainda carrego a Esperança,
Vou arrastando a Saudade!...

Aníbal António de Lima Nobre – Juncal

Menções Honrosas

Apelo à Paz

Quem um torpe poder tem,
Na guerra vê altas glórias,
Mas, só quem pratica o bem
Alcança as nobres vitórias!

João Francisco da Silva - S. Tiago dos Velhos

Não conseguindo versar
Adormeci de cansaço,
Dando comigo a pensar:
Acróstico? Que é que eu faço?

Fernando Máximo - Avis

Nem que por falso me tomem
Creio com fé e alegria
No Deus que criou o homem
Não no Deus que o homem cria

Maria Isabel Fernandes Queirós - Vila das Aves

À idade a que eu cheguei
Não custa nada aceitar
Que muitas vezes errei
E muitas mais vou errar

Vítor Manuel Alves Fernandes - Corroios

Esta saudade que rói
Nem se sabe bem porquê
Sabe-se que muito dói
Numa dor que não se vê.

Maria Júlia Pires C. Vieira Fonseca - Almada

O Vício da Poesia

Tenho a poesia por vício
Dependência abençoada
É um bem, não um suplício
Que não dispenso por nada

Augusto Manuel Molarinho de Andrade - Lisboa

Quando um poeta dá voz
Aquilo que a alma sente,
Fá-lo num viver a sós
Mas grita-o a toda a gente

Maria Ruth Brito Neto - Caldas da Rainha

Trago a saudade no peito,
Não me pesa nem me dói,
É como um amor perfeito
Que minha alma constrói.

Maria da Conceição Pereira - Fátima

Adágio Popular

1º Prémio

José Manuel Conceição Baptista – “Rodrigo Herédia” - ----

2º Prémio

João Francisco da Silva “Votante” – Pobre “Zé Quintas”

3º Prémio

Fernando Máximo – “Ambicioso” - ----

Menções Honrosas

Sílvia Maria Reis Silva – “Pato Marreco” – O ambicioso

Sílvia Maria Reis Silva – “Galeão” – A ambição

Sílvia Maria Reis Silva – “Valentim” – A ambição

1º Prémio

“A ambição cega o coração”

A ambição cega
não tem perfume
nem primavera nos rebentos.

Passa por nós
como o vento Suão,
sem ver a flor,
sem tocar nos sentidos,
sem um abraço,
sem apertar a mão.

O coração,
esse fruto tão pequeno,
precisa de sombra,
de silêncio,
de um sorriso,
de uma ternura qualquer.

Mas quando a ambição é de mais
fica seco por dentro
e esquece-se da maciez das palavras, dos nomes.
Bombeia lava onde escreve caminhos de pedra.

Sim, o coração cego de ambição pode chegar
Mas perdeu-se pelo caminho.

José Manuel Conceição Baptista - Alvaiázere

2º Prémio

Pobre “Zé Quintas”

Era pobre, sem-abrigo,
Mas, na vida do mendigo
Nem tudo corria mal;
Com frutos da esmolazinha
Comprou uma velha casinha,
Com um pequeno quintal!

Deu a caixa de cartão,
E, com alegre emoção,
Restaurou a tal palhota;
Não deixou de mendigar,
Começou a trabalhar,
Era feliz na casota!

Deixou maus vícios que tinha,
E, com a vida na linha,
A sorte o acompanhou;
Longe de todos os ócios,
Dedicou-se a mais negócios,
Uma Quintinha comprou!

O “Quintas” tinha estudado,
Era culto, bem formado,
E ganhou muito dinheiro;
Aos vizinhos, na verdade,
Parecia ter vontade
De comprar o mundo inteiro!

Não parando de sonhar,
Pensou em negociar
Uma terra grande e plana;
Não conseguiu esconder
O desejo de obter
Uma herdade alentejana!

Tudo a correr de feição,
Tinha, com satisfação,
Êxitos e felicidades;
Com a sorte a florescer,
Mais tarde conseguiu ser
Dono de várias herdades!

Não comprou o céu azul,
Mas tinha, de Norte a Sul,
Um imenso património;
Voltando aos princípios seus,
Foi perdendo a fé em Deus,
Passando a amar o demónio!

Saltou perigosos muros,
Fez negócios bem escuros,
Queria ter sempre mais...
Um sócio que o armou,
Com voz rija lhe afirmou:
Tu entras, mas já não sais!

Perdeu toda a humildade,
Ganhou agressividade,
Sempre em picos de pressão;
Vivia em podre abundância,
Com os frutos da ganância
Que trouxe a destruição!

Muito na vida subiu,
Mas, quando alguém o traiu
Tudo se desmoronou...
No final, em triste “preito”,
Deram-lhe um tiro no peito,
E a negra morte o levou!

Ser rico, em boa verdade,
É ter pura integridade
E comedida ambição;
Quando ao crime se recorre,
Há sempre gente que morre
Em guerra ou desolação!

Quem adquire a riqueza
Num percurso de avareza
Não demonstra ter valor;
Joias são: a humildade,
A paz, a fraternidade
E puros laços de amor!

Quem estiver com atenção,
Nota bem que a ambição
Vem de exageros vestida;
Sensato é desenvolver
Uma paixão pelo ter,
Que não seja desmedida!

A tresloucada ambição
Vai toldando o coração,
Até que deixe de ver...
É procurando tal sorte
Que alguns encontram a morte,
Pela ganância do ter!

É verdade que a ambição
Vai cegando o coração
Aos “heróis” da nossa praça;
No universo dos “Pintas”
Quem imitar o “Zé Quintas”
Anda a semear desgraça!

Se ambições ilimitadas
Tornam vidas desgraçadas,
Dando desgosto profundo,
Que Deus e a humanidade
Elejam a humildade
Governante deste mundo!

João Francisco da Silva - S. Tiago dos Velhos

3º Prémio

Tua ambição desmedida
Sem ter peso nem medida
Dá-te até um certo gozo...
Ignoras a dor alheia
Para cumprir tua ideia
Tornas-te até perigoso...

O teu coração cerrado
Empedernido, fechado,
Já há muito que morreu...
Escolhendo esse caminho
Mesmo vivendo sozinho,
Calculas que tudo é teu...

Mas repara, na verdade
A tua felicidade
Não é mais que fantasia...
Perdeste os teus valores
Vives só, sem ter amores,
No teu triste dia a dia

Estás a tempo, pondera,
Tua conduta modera,
Inverte a situação:
Dá outro rumo à vida
Que a ambição denegrida
Cega o teu coração!

Fernando Máximo - Avis

Menções Honrosas

O ambicioso

Quem vive com ambição
É ambicioso até morrer
Se tem um pombo na mão
Dois ou três deseja ter.

Nunca lhe chega o que tem
Seu espírito é de maldoso
Pronto para enganar alguém
É muito astuto e manhoso.

O adágio assenta bem
No insaciável, glutão
Com a ambição que tem
Nada lhe enche a mão.

Tudo lhe desperta atenção
Tudo quer conseguir
Por ter tanta ambição
Nunca pensa em desistir.

Por vezes causa confrontos
Que fazem as pedras tremer,
Inventa histórias e contos
Para alcançar o que quer.

Sílvia Maria Reis Silva - Alcácer do Sal

A ambição

A Ambição está na origem de todas as conquistas humanas, a Ambição é o motor do progresso e a causa de muitos problemas da humanidade.

A forma mais saudável da Ambição é aquela que vem acompanhada de um propósito claro, autoconhecimento e um compromisso com sucesso colectivo, sem pisar os outros.

Ambição significa ter aspirações, desejo, motivação, entusiasmo.

A Ambição por causas boas e nobres pode representar um caminho para vivermos melhor, quem não tem Ambição não tem objectivos a serem alcançados, portanto não vive e deixa a vida passar por ele, embora para alguns a Ambição seja um termo ou uma qualidade absolutamente negativa, já diz o velho ditado “Um homem sem Ambição não vale nada”, os grandes avanços da História quase nunca vieram de gente acomodada, eles foram fruto de muita inquietação movidos por Ambição, mas a Ambição precisa de equilíbrio, a Ambição sem freio costuma escorregar para a ganância não só de vencer, mas de dominar.

A Ambição é o motor do progresso é essencial quando ambicionamos a sabedoria, um desejo, uma forma de alcançar ou realizar um objectivo mais parece uma virtude que um pecado.

Exemplo:

- Quando a Ambição é de obter bens e riquezas de modo exacerbado, incessante, insaciável e por quaisquer meios isso tem o seu nome próprio: ganância.

A Ambição e a ganância guardam distância entre si, a Ambição pode fazer descolar, a ganância só pode fazer rastejar.

A Ambição e o amor não são opostos, embora por vezes “A Ambição cega o coração” e possa causar desentendimentos, acabar com um casamento, afastar familiares e amigos.

A Ambição é filha do orgulho quanto maior é a riqueza, maior é o orgulho e pode ter a incapacidade de se contentar com o que já foi conquistado e é por isso que enche a cabeça e cega o coração.

Sílvia Maria Reis Silva - Alcácer do Sal

A Ambição

Ambição é coisa feia
A sina pior que há
Tanto quanto mais se alteia
Maior a queda que dá

Os homens por Ambição
Nunca se sentem satisfeitos,
“A Ambição cega o coração”
Ignorando os preconceitos.

A vida nos dá sinais
Que nós desdenhamos,
Seguimos correndo mais
Atrás do que já ganhamos.

Quem quer mais, não dá valor
Ao que já foi recebido,
Por isso o ambicioso
É sempre mal agradecido

Conserva a simplicidade
Observa onde te pões
A Ambição domina os homens
Em todas as direcções.

Há quem sofra inutilmente
Por Ambição desmedida,
Eu procuro estar contente
Bastando-me o Dom da Vida.

Haja o que houver no caminho
Não penses mal de ninguém
Cada qual vê o vizinho
Conforme os olhos que tem.

Além da velha morada
Da pedra, cinza e cipreste,
A morte diz o que foste
Diz a vida o que fizeste.

Sílvia Maria Reis Silva - Alcácer do Sal

Poesia Alegórica a Monforte

1º Prémio

Aníbal António de Lima Nobre – “Enamorado” – Carta de Amor a Monforte

2º Prémio

Sílvia Maria Reis Silva – “Paisagem” - Monforte

3º Prémio

Menções Honrosas

João Francisco da Silva – “Alma Campaniça” – Terra – Portento

Sandra Maria Cartas Coelho Ideias – “Por Azeitona” – Eu vinha de passagem...

Augusto Manuel Molarinho de Andrade – “A planura dourada” – Visita a Monforte

Felícia Festas Hortinhas – “A Inês” - ----

1º Prémio

CARTA DE AMOR A MONFORTE

Sinto inveja do Sol - porque te aquece!
Sinto inveja da Lua - em noite escura!
Sinto inveja de quem nunca te esquece
E em Orações sentidas te procura!

Sinto inveja do Céu - porque te espreita!
Sinto inveja da Calma - que te abraça!
E de quem não te inveja e se deleita
Ao ver os teus Contornos, quando passa!

Sinto inveja do teu Azeite e Vinhos!
Sinto inveja dos teus vastos Montados!
E de quantos, seguindo outros Caminhos,
Continuam, de ti, enamorados!

Sinto inveja do teu velho Castelo
À espera dos restauros derradeiros!
Sinto inveja do campo, verde e belo,
E das sombras amenas dos Sobreiros!

Sinto inveja de toda a tua Herança:
Gastronomia... queijo... artesanato...
E do sabor, que guardo na lembrança,
Dos doces, desde o tempo de gaiato!

São lembranças tão velhas quanto eu,
Que perduram e sabem como então;
Como o Toucinho doce, que é do Céu...
Ou a Açorda e a Sopa de Cação...

Sinto inveja da Fruta e Cereais...
Do que deixei, atrás duma mentira...
Da Igreja Matriz... dos Olivais...
E até do Miradouro que te mira!

Sinto inveja do pranto que verti
Nesse momento triste em que parti!
Sinto inveja de quem ficou, por sorte!...
...Porém, a minha inveja não tem fim,
Pois chego a ter inveja até de mim,
Por tanto te invejar, minha MONFORTE!

Aníbal António de Lima Nobre - Juncal

2º Prémio

MONFORTE

O vento a soprar
do lado do Norte
eu a caminhar
rumo a Monforte...

O vento soprava
o sol sorria,
e eu caminhava
feliz nesse dia...

Cantava a cotovia
cheirava a poejo,
na pradaria
do Alentejo...

A Monforte cheguei
amei a viagem,
e me encantei
com sua paisagem...

É com prazer
que agradeço a sorte
por bem me receber,
Obrigada MONFORTE.

3º Prémio

Não foi atribuído

Menções Honrosas

Mote:

Monforte, vila de encantos,
Feliz de quem te visita;
Com bons sorrisos ou prantos,
Como terra, és tão bonita!

Terra – Portento
És um concelho bendito
E vila tão portuguesa;
No povo tens a riqueza
De ser poeta, erudito,
Tens balanco e palmito,
Fé em Deus, Jesus e Santos,
Os lindos coros são tantos,
Feitos por aves canoras,
É de alegria que choras,
Monforte, vila de encantos!

Com mais nobres te perfilas,
Mas, dotada de humildade,
Tens um ar de felicidade,
És bela entre lindas vilas,
Tens gentes boas, tranquilas,
É honrado quem te habita;
Tens campos, artes e escrita,
Património de valor,
Monforte, és um esplendor,
Feliz de quem te visita!

És flor exposta ao vento
Que sopra forte ou em brisa;
Tens dotes de poetisa,
És uma terra-portento;
A força do teu talento
Brilha por todos os cantos,
És feliz mãe de uns quantos
Artistas da nossa praça
E fluis em fontes de graça,
Com bons sorrisos ou prantos!

Riqueza é só um conceito
Desta pobre humanidade;
Monforte, a tua verdade
É digna do melhor preito,
Que importa algum defeito,
Se tens beleza infinita?
Do Alentejo és pepita
Bem promovida a tesouro,
E, nesse bem-estar de ouro,
Como terra, és tão bonita.

João Francisco da Silva - S. Tiago dos Velhos

Eu vinha de Passagem...

Dizem que bebi água da Fonte da Vila.
E terá sido lá que me enamorei.
Vim, não para ficar,
Vinha de passagem, mas por cá fiquei.
Não sou de cá,
Mas já criei raízes.
Não pertenço cá,
Mas sei de cor histórias felizes.
Lancei à terra semente,
cultivei amizades e reguei afetos,
Que a minha herança não mente,
Repousei junto à Ribeira Grande, onde mora a cegonha,
Monforte terra outrora de gentes romanas,
Com searas a perder de vista,
E de gentes com bravura e sem vergonha
De serem Alentejo
De serem ceifeiras e ganadeiros,
que rasgavam o trigo com mãos de fada
e agora descansam de longa jornada.
A Rua do Arco corre e desagua na Praça,
é como um touro que dança na arena, sem cavaleiro ou forçado...
Onde reina agora a calma,
Em dias de sol bruto que aquece o dia.
E do alto das ruínas do castelo
Outras terras se avistam,
Eu vinha de passagem e fiquei.

Sandra Maria Cartas Coelho Ideias- Monforte

Visita a Monforte

Fui um dia visitar
Uma vila singular
No Alentejo interior
Bem junto à zona raiana
Terra linda, transtagana
Que recebe com Amor

Esta vila cuja história
Tem um passado de glória
Marcado pela ventura
Santo Aleixo é padroeiro
Dum povo simples ordeiro
Cuja devoção perdura

Cada recanto, uma história
Do seu passado de glória
No Alentejo interior
Seu povo altivo e guerreiro
Foi o exemplo primeiro
De bravura e pundonor

Tem monumentos marcantes
Castelos, igrejas e pontes
Espólio do seu passado
Uma lenda em cada canto
Histórias de arrojo e de pranto
Que me deixam extasiado

Mas os exemplos que vi
Não se ficam por aqui
São bem mais ambiciosos
Tem futuro assegurado
Em searas, corcha e gado
E seus enchidos famosos

O turista que a visita
E porque nela acredita
Partilha suas valências
O Alentejo agradece
Já que Monforte merece
As mais nobres referências!

Monforte foi bastião
Dum povo, duma Nação
Num tempo duro, diferente
Hoje mostra aos visitantes
Marcas reais, impactantes
Dum povo simples, valente

Augusto Manuel Molarinho de Andrade - Lisboa

Monforte é enriquecida
Pelas pedras das calçadas
Arrancadas com fadiga
De quem para lhe dar vida
Morre de mãos calejadas.

São sempre honra e glória
Para quem por elas passar
Porque elas contam a história
De quem ficou na memória
E já não a pode contar.

Tantas lembranças gravadas
Que dão nome ao seu brasão
De alegrias conquistadas
Ou de lágrimas choradas
Dos tempos que já lá vão.

Hoje o seu povo atual
Ainda lhes dá mais louvor
Guarda o passado ancestral
Com o poder sentimental
Selando-a com o seu amor.

Felícia Festas Hortinhas - Évora

